

O IMPACTO DA SUPERPROTEÇÃO NO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO DA CRIANÇA

2019

Dayane Gerusa Benício

Graduada em psicologia pelo Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (Brasil)

Dayse Arianne de Souza

Psicóloga e docente do Departamento de Psicologia do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (Brasil)

E-mail:

dayanegerusabenicio@gmail.com

RESUMO

A relação materna possui aspectos significativos para o desenvolvimento da criança, sendo iniciada desde a concepção intrauterina, continuando após o nascimento. Winnicott (1999) traz em seus estudos a mãe dedicada comum. Sendo aquela mãe que cuida do crescimento de seu bebê de forma instintiva, sabe exatamente o que seu filho(a) precisa em determinado momento. Enfatiza ainda que tais cuidados não podem ser ensinados por profissional, pois é algo natural, instintivo e exclusivo da mãe. Outro autor que apresenta uma reflexão sobre esse vínculo foi John Bowlby (1989). Em sua teoria do apego, explica como essa relação influencia o desenvolvimento e pode tornar a criança dependente dos cuidados maternos, impactando no seu desenvolvimento e na sua vida adulta. Winnicott (1999) traz, ainda, em seus estudos a ideia de mãe suficientemente boa, caracterizada pela maternagem sadia, que é quando a mãe consegue observar onde não se faz mais necessária e deixa sua criança ser protagonista das suas decisões e atitudes. A postura de superproteção traz para o desenvolvimento do self insegurança e uma autonomia debilitada, o que impede a criança de fazer suas atividades e demandas diárias. Estudar a importância da relação materna no desenvolvimento da criança, enfatizando até que ponto essa relação pode influenciar positivamente e quando esse vínculo torna-se prejudicial para o crescimento do bebê, impactando na sua vida adulta. O artigo foi elaborado através de revisão bibliográfica, utilizando livros e artigos científicos que se organizam em temas que dão subsídio para a estruturação do mesmo, trazendo uma reflexão sobre o assunto debatido. O desenvolvimento infantil é um processo longo e contínuo, que tem início na vida intrauterina. Ao nascer, a relação mãe-bebê é essencial para o desenvolvimento da

criança. Porém, quando ocorrem situações nas quais a mãe não consegue ser desnecessária, isso vai influenciar negativamente no crescimento do bebê, podendo provocar dificuldades e limitações em diversas esferas: cognitiva, emocional, social e psicomotora. E essa superproteção gera insegurança e problemas na autonomia das crianças, tornando as crianças sujeitos frágeis diante das demandas do dia a dia. Conclui-se que a relação materna é de grande importância para o desenvolvimento do bebê. Porém, há situações nas quais a mãe não consegue deixar que a criança desenvolva certas etapas devido ao excesso de cuidado. Isso gera na criança insegurança que reflete em sua vida escolar, social, pessoal, minando, também, a saúde mental.

Palavras-chave: Desenvolvimento, mãe-bebê, superproteção, mãe suficientemente boa.

Copyright © 2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



INTRODUÇÃO

Existe uma grande importância da relação materna no processo de desenvolvimento da criança. A construção dessa relação começa logo na vida intrauterina. Assim que é descoberta a concepção, já se começa toda mudança hormonal, física, psicológica e emocional da mãe. Mudanças e sensações estas que já estão inteiramente ligadas ao futuro bebê. Assim começa o processo de construção desse vínculo forte que vai se fortificando com o passar do tempo, podendo ser intensificado no nascimento, de forma instintiva.

Em sua teoria, Winnicott (1999) deixa claro que não pretende ensinar as mães a exercerem seu papel como educadora e cuidadora de seus bebês. Ressalta, também, que as próprias mães possuem toda capacidade necessária para cuidar de seus filhos. Partindo disso, ele apresenta o termo “Mãe Dedicada Comum”, para se referir àquela que cumpre com suas responsabilidades como cuidadora.

Por uma questão instintiva ou por fatores que podem ameaçar a vida da criança ou a relação mãe-bebê, algumas mães exercem o cuidado de forma exacerbada, fazendo com que seu filho não tenha o contato necessário com o mundo externo, interferindo, assim, no seu desenvolvimento. Essas intercorrências no processo de crescimento do sujeito provocam experiências que não são positivas para o seu desenvolver (BEZERRA, 2004 apud GAIA; ZULIAN, 2011).

Visando a importância da relação mãe-bebê para o desenvolvimento da criança, assim como o impacto de vivências autônomas, Winnicott (2001) elaborou a teoria da “Mãe Suficientemente Boa”, teoria essa que traz a importância dos cuidados maternos de forma saudável, com a devida intensidade e no tempo de desenvolvimento correto, de tal forma que não venha a ser exacerbada ou deficiente, pois tanto o excesso quanto a falta de cuidados podem gerar problemáticas na estruturação psíquica.

Levando em consideração esse contexto teórico, o presente trabalho buscou investigar como o excesso de cuidado pode fragilizar a confiança da criança, algo que ocorre muito nos dias atuais, gerando assim condições de insegurança e dependência, além de limitações em diversas áreas da vida, possíveis de se estenderem até a vida adulta.

Para abordar a temática, apresenta-se na primeira seção dos resultados a relação mãe-bebê a partir de uma leitura psicanalítica. Na segunda seção, discute-se a questão da superproteção e os seus efeitos no desenvolvimento da criança. Por fim, os efeitos de uma “Mãe Suficientemente Boa” *versus* Mãe Superprotetora.

A Relação Mãe-Bebê: uma Leitura Psicanalítica

Sempre que se imagina um bebê a imagem da mãe sempre está presente. Não é possível imaginá-lo sem sua cuidadora. A criança precisa de alguém que cuide de suas necessidades básicas e vitais, necessidades essas que vão além do físico. Compreende-se, portanto, que o papel materno tem grande peso no desenvolvimento do bebê.

Winnicott foi um psicanalista que deixou grande parcela de contribuição para os estudos nessa área. Ele formulou o termo “Mãe Dedicada Comum” para abordar a relação que se estabelece entre mãe e bebê, a importância desta para o desenvolvimento da criança e como a sua falta pode causar prejuízos. De acordo com ele, não se pode contestar que:

[...] a necessidade vital que tem cada bebê de que alguém facilite os estágios iniciais dos processos de desenvolvimento psicológico, ou desenvolvimento psicossomático, ou, como talvez eu deva dizer, do desenvolvimento da personalidade mais imatura e absolutamente dependente, que é personalidade humana. (Winnicott, 1999, p. 7)

Ressalta, ainda, que esse papel desempenhado pela mãe não deve ser ditado ou ensinado. Por mais que, futuramente, essa mãe venha a precisar de conhecimentos de diversas áreas (médica, por exemplo), o conhecimento instintivo da mãe não pode ser ensinado. O fato da mãe reconhecer o choro da criança, se o bebê sente fome ou dor, se precisa trocar a fralda ou quer apenas o colo, conhecimentos que jamais poderiam ser ensinados ou explicados pela Ciência. Segundo Silva e Lemgruber (2017 p. 94) “para Winnicott é somente no estado de preocupação primária que a mãe vai fornecer um ambiente facilitador para o bebê se desenvolver, tornando as suas necessidades básicas em necessidades do ego”.

Winnicott vai, ao longo de sua teoria, destacar as funções da maternagem: *apresentação do objeto, holding e handling*. O *holding* é caracterizado pela maneira como o bebê é sustentado no colo pela própria mãe e é, ao mesmo tempo, uma experiência física e uma vivência simbólica, que significa a firmeza com que é amado e desejado como filho. Nessa fase o bebê se encontra em estado de dependência absoluta. O *holding* tem função de sustentação psíquica. Consiste em dar suporte, apoio, limite ao eu do bebê em seu desenvolvimento, isto é, em colocá-lo em contato com uma realidade externa simplificada, repetitiva, que permita ao eu nascente encontrar pontos de referências simples e estáveis, facilitando sua integração no tempo e espaço. A partir do *holding* é que há a unificação/integração do ego. Quando a mãe sustenta o seu filho adequadamente, ela possibilita que o seu bebê saia do estágio de não integração, onde sua psique e seu corpo ainda não

estão ligados, passando para o estágio de integração espaço-temporal, no qual o mesmo começa a se edificar como unidade.

Na ‘*apresentação do objeto*’, a mãe começa a mostrar-se substituível e a propiciar ao seu bebê o encontro e a criação de novos objetos que serão mais adequados ao seu atual estado de desenvolvimento. É a função de apresentação do seio ou mamadeira. O bebê vai ter a ilusão de ter criado esse objeto para a sua satisfação. Só vai ser bem efetuada se a mãe estiver identificada com o bebê. O bebê vai criar uma certa onipotência, pois começa a achar que os fenômenos acontecem porque ele deseja, como quando ele pede e a mãe traz a mamadeira na hora que precisa. Essa função inclui o bebê no início das relações interpessoais.

A integração (a ligação entre corpo e psique) ocorre através do ‘*handling*’. Assim, por meio dos cuidados maternos, o bebê começa a perceber seu corpo, limites e a si mesmo distantes da mãe. O *handling* consiste na experiência de entrar em contato com as diversas partes do corpo através das mãos cuidadosas da mãe, facilitando a formação de uma parceria psicossomática. É a maneira como o bebê é tratado, cuidado, manipulado, por exemplo, o trocar de fralda, trocar de roupa etc. A repetição desses cuidados é importante para que a criança crie uma segurança, um ponto de referência. Assim, ela irá começar a se perceber. Um bom *handling* proporciona a personificação (união entre sua vida psíquica e o seu corpo, ou seja, a existência de um psiquismo dentro de um corpo).

Winnicott ainda explica o quanto à funcionalidade desse vínculo provoca impacto positivo no desenvolvimento dos filhos:

Quando o par mãe-filho funciona bem, o ego da criança é de fato muito forte, pois é apoiado em todos os aspectos. O ego reforçado (e, portanto, forte) da criança é desde muito cedo capaz de organizar defesas e desenvolver padrões pessoais fortemente marcados por tendências hereditárias. (WINNICOTT, 2001, p. 24)

Outro estudioso que deu ênfase a relação materna e o desenvolvimento da criança foi Jonh Bowlby ao estudar os efeitos dos cuidados maternos no bebê. Ficou impressionado com as respostas causadas no desenvolvimento, quando ocorre o rompimento da interação da figura materna na primeira infância da criança (AINSWORTH; BOWLBY, 1991 apud DALBEM; DELL’AGLIO)

Bowlby (1989) considerou o apego um mecanismo biológico do ser humano. Semelhante à alimentação e que funciona de forma homeostática. O papel do apego acontece na vida do ser humano através de uma figura de apego, figura está que está disponível e proporciona sensação de segurança. O relacionamento do bebê com os pais é estabelecido por ações que a criança, de modo

inato, demonstra pela necessidade de proximidade. Esse afeto, que é formado com o passar do tempo, é garantido pelas capacidades cognitivas e emocionais da criança (BOWLBY 1989 apud DALBEM; DELL'AGLIO).

Ambos, Winnicott e Bowlby concordam quando trazem em suas teorias, que tanto o excesso de cuidados materno, como a falta dele influencia diretamente no crescimento e desenvolvimento das crianças, interferindo na construção do *self* do bebê. Essa interferência traz para crianças diversos déficits no desenvolvimento. Gerando assim, crianças inseguras e sem autonomia.

Superproteção e os seus Efeitos no Desenvolvimento da Criança

O ser humano é considerado um ser em processo contínuo de desenvolvimento e um sujeito que possui uma ligação com o meio ambiente, que sofre e influencia do meio em que vive. Dentre estes fatores, está a relação maternal. A forma como a mãe cuida do seu filho interfere no seu crescimento pessoal, podendo influenciar de forma positiva ou não.

Winnicott (1990) traz nos seus estudos o termo *holding*, para explicar o desenvolvimento do bebê. O *holding* se caracteriza pela forma como o bebê é segurado pela mãe, seu significado vai além do físico, existe a vivência simbólica, que seria a forma como ele é amado pela figura materna. Esse processo sendo executado da melhor forma, pode inclusive acelerar o processo de maturação da criança. O resultado esperado nesse processo é que o bebê chegue ao “estado unitário”, ou seja, se torne um ser com sua própria individualidade. Ainda explica que nesse período ocorre outros processos de desenvolvimento:

[...] Durante a fase de *holding* outros processos são iniciados; o mais importante é o despertar da inteligência e o início da mente como algo separado da psique. Daí segue a história do processo secundário e da função simbólica, e da organização do conteúdo psíquico pessoal, que forma a base do sonho e das relações vivas. (WINNICOTT, 1990, p. 45)

Quando a construção desse *holding* ocorreu de forma deficiente causa efeitos negativos na construção do *self* do bebê. Provoca a sensação de despedaçamento, gerando assim a desconfiança e insegurança na criança, enfraquecendo assim o ego (MONTEIRO, 2003).

Atualmente se identifica com frequência, mães que por motivos de medo que o filho se machuque, que se perda ou com o objetivo de evitar que o bebê passe por frustrações, por terem passado por um período gestacional complicado, comprometem essa fase do desenvolvimento da criança, com cuidados excessivos, interferindo no processo de maturação da criança. Crianças que

sofrem esses déficits no processo demonstram insegurança na realização das suas atividades diárias, sejam elas em casa, na escola, na rua ou em qualquer ambiente na qual for inserida.

As crianças seguras sentem incômodo quando separadas das suas cuidadoras, mas não se permitem abalar de forma exacerbada. Demonstram segurança e sempre têm sua independência encorajada, brincam de forma tranquila, engajada nas brincadeiras com as outras crianças e com pessoas desconhecidas. São crianças menos propensas a procurar as figuras de apego diante de situações problema. Já a criança que é insegura apresenta comportamentos não compatíveis com sua idade, imaturos, não demonstram iniciativa em explorar o ambiente em que estão e sempre preocupada com a presença dos seus cuidadores e evita comunicação com as pessoas desconhecidas (DALBEM; DELL'AGLIO, 2005).

Mãe Suficientemente Boa *Versus* Mãe Superprotetora

Não deixar o filho chorar, correr, brincar entre outras coisas são características de mães superprotetoras. Essas mães geralmente tiveram motivos para ter esse cuidado dobrado: uma perda por aborto ou morte neonatal, acidentes, crianças com histórico de doenças ou por não suportar ver os filhos passarem por momentos de frustração. Diante dessas situações, a mãe superprotetora impede que a criança faça diversas atividades para as quais já possui capacidade física, motora ou intelectual para executar, comprometendo o processo de maturação do indivíduo.

Winnicott afirmou em suas teorias que uma mãe saudável é aquela suficientemente boa, que cuida das onipotências de seus filhos. A mãe boa, segundo ele é a que não se martiriza ou se inferioriza por seus erros ou falhas. Pois possui a capacidade de perceber que tal ato, julgado por si mesma como erro, pode vim a auxiliar o desenvolvimento de seu filho. Fazendo com que a criança perceba sua individualização, que é um ser separado da mãe (COUTINHO, 1997 apud SILVA; LEMGRUBER, 2017).

A mãe suficientemente boa vai apresentando seu filho ao mundo progressivamente, de acordo com a capacidade que seu filho demonstra diante das situações as quais é exposto. Esse processo acontece de forma progressiva, começando a partir do nascimento, a criança começa aumentando o seus círculos de convivência com familiares, depois amigos nas instituições de ensino na qual será inserido e finalmente na sociedade como um todo (WINNICOTT, 1990 apud SILVA; LEMGRUBER 2017).

Em um de seus trechos, Winnicott deixa claro o seu pensamento diante da importância dessa mãe suficientemente boa:

Isso, porém, não é tudo. Do ponto de vista da saúde mental, a mãe (se agir de forma saudável) estará também criando os fundamentos da força de caráter e da riqueza de personalidade do indivíduo. A partir de uma tal base positiva, o indivíduo tem, com o passar do tempo, uma oportunidade de lançar-se no mundo de uma forma criativa, e de desfrutar e usar tudo aquilo que o mundo tem a lhe oferecer, inclusive o legado cultural. Infelizmente, é uma grande verdade que, se uma criança não começar bem, então poderá não desfrutar do legado cultural e a beleza do mundo não passará de um colorido torturante, impossível de desfrutar. (WINNICOTT, 1999, p. 20)

A mãe suficientemente boa é aquela que consegue deixar seu filho se tornar independente de seus cuidados e desfrutar dos momentos de sua vida, que enxerga o desenvolvimento do seu filho e o deixa cometer erros e aprender com os mesmo. E que para isso em determinado momento ele precisará seguir seu caminho solo.

Considerações Finais

A figura maternal tem grande importância no desenvolvimento da criança. Ela constitui a representação de proteção e cuidado, tudo que a criança precisa no começo da sua vida para crescer e desenvolver-se. A forma que esse cuidado acontece influencia positivamente ou negativamente. O excesso de cuidado existe por diversos fatores, mães que perderam filhos anteriormente, crianças que têm um histórico significativo de doenças ou por medo de seus filhos passarem por problemas e momentos de medo. Esse excesso pode trazer vários prejuízos para a vida da criança, gerando assim, crianças inseguras e dependentes. Influenciando nas interações sociais da mesma e provocando limitações na autonomia diante de atividades cotidianas. Importante ressaltar que esses prejuízos ficam marcados no *self*, refletindo assim, também na vida adulta.

Por fim, constatamos que a mãe suficientemente boa é aquela que em determinado momento da vida de seu filho deixa de ser necessária, pois entende que o filho tem a capacidade de desenvolver determinadas atividades com autonomia, diferente da mãe superprotetora que deixa seu filho dependente, minando sua confiança, autonomia e impossibilitando o crescimento do mesmo, tornando-o um adolescente que não consegue lidar com suas frustrações e um adulto com dificuldades em diversas áreas de sua vida, gerando problemas profissionais e pessoais. Uma criança que recebe os cuidados de forma adequada torna-se uma criança criativa, positiva, ativa e totalmente independente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AINSWORTH, M. & BOWLBY, J. An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, vol. 46, nº 4, pp. 333-341, 1991.

BEZERRA P.F, **O terapeuta ocupacional na relação materno-infantil** Universidade do Estado do Pará, UEPA . 2004,

BOWLBY. J. **Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229017444003>. Acesso em: 30 set. 2019.

GAIA, L. S. G.; ZULIAN, M. A. R. **A importância da relação Mãe-bebê no processo de desenvolvimento infantil**. 2010. Trabalho para congresso (Graduação e terapia ocupacional) - Universidade do Vale do Paraíba, São Paulo, 2010. Disponível em: http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2010/anais/arquivos/RE_0713_0807_01.pdf. Acesso em: 22 set. 2019.

MONTEIRO, M. C. **Um coração para dois: a relação mãe-bebê cardiopata**. Orientador: Prof. Angela Baraf Podkameni. 2003. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. 103 f. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4350/4350_5.PDF. Acesso em: 19 set. 2019.

SILVA, V. G.; LEMGRUBER, K. P. *Psicologia e Saúde em Debate*. **A relação mãe-bebê na Psicanálise: um breve estudo teórico**, [s. l.], p. 90-102, 13 out. 2017. DOI DOI: 10.22289/2446-922X.V3N2A8. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Bf4rL9N3y7oJ:https://psicodeate.dpgp>

sifpm.com.br/index.php/periodico/article/download/158/115/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 22 set. 2019.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

_____. **Os bebês e suas mães**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **família e o desenvolvimento individual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.